



**PBPC**  
ISSN 2674-9432



**Qualis A3**  
CAPES 2021-2024



DOI - Crossref

Latindex

Indexado no  
Google Acadêmico

## **INFODEMIA EM SAÚDE: ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES DO FACEBOOK SOBRE A PANDEMIA DE COVID-19**

Francisco Braz Milanez Oliveira, Antonio Vinicius da Cunha Lima, Ana Maria Lima Dourado, Caroline Jordana Azevedo dos Santos, Sudário Vitor de Aguiar Lima, Thayslane de Oliveira Brandão



<https://doi.org/10.36557/2674-9432.2026v5n4p714-730>

Artigo recebido em 1 de Abril e publicado em 04 de Junho de 2026

### **ARTIGO ORIGINAL**

#### **RESUMO**

A COVID-19, causada pelo SARS-CoV-2, configurou-se como uma importante emergência sanitária global, acompanhada de intensa circulação de desinformação nas redes sociais. Durante a pandemia, a ampla disseminação de notícias falsas comprometeu a compreensão da população sobre prevenção, contágio e tratamento, favorecendo a infodemia e dificultando a adesão a medidas baseadas em evidências. Nesse contexto, o estudo teve como objetivo analisar publicações do Facebook sobre a pandemia de COVID-19 no ano de 2020. Trata-se de um estudo epidemiológico, documental e observacional, realizado a partir da análise de 100 postagens públicas do Facebook, selecionadas por amostragem não probabilística por conveniência. Foram incluídas publicações relacionadas ao tratamento, à prevenção e ao contágio da COVID-19. A coleta de dados utilizou as ferramentas *CrowdTangle*, *Google Trends* e *FAKEBR*, com análise de conteúdo, análise de redes e estatística descritiva. Os resultados mostraram que julho concentrou a maior proporção de publicações falsas (26%), seguido de dezembro (15%). Quanto ao formato, predominaram links compartilhados (41%), seguidos por imagens (29%) e vídeos (29%). Os perfis de entretenimento foram os que mais disseminaram esse tipo de conteúdo (57%), seguidos por perfis políticos (21%) e pessoais (17%). Em relação ao conteúdo, 81% das publicações abordavam tratamentos medicamentosos e 9% tratamentos caseiros. Entre os tratamentos mais citados, destacaram-se a cloroquina (25,3%) e o KIT COVID (20,2%). O discurso informativo foi o mais frequente (57%), seguido pelo formato notícia (21%). As publicações que mais geraram engajamento foram as com foco em reações adversas (49%) e informações para a família (18%). Em 89% das postagens não houve vínculo com

mortes por COVID-19. A média de engajamento foi de 11.223,41 curtidas, 1.837,53 comentários e 6.873,11 compartilhamentos. Conclui-se que a disseminação de *Fake News* sobre a COVID-19 no Facebook teve forte alcance e elevado engajamento, especialmente em conteúdos relacionados a tratamentos sem comprovação científica, reforçando a necessidade de ações de enfrentamento à desinformação em saúde.

**Palavras-chave:** Mídias sociais; COVID-19; Disseminação de Informação; Desinformação.

## ABSTRACT

COVID-19, caused by SARS-CoV-2, emerged as an important global health emergency, accompanied by intense circulation of misinformation on social media. During the pandemic, the widespread dissemination of false news compromised the population's understanding of prevention, contagion, and treatment, favoring the infodemic and hindering adherence to evidence-based measures. In this context, the study aimed to analyze Facebook posts about the COVID-19 pandemic in the year 2020. This is an epidemiological, documentary, and observational study, conducted through the analysis of 100 public Facebook posts, selected by non-probabilistic convenience sampling. Posts related to the treatment, prevention, and contagion of COVID-19 were included. Data collection used the tools CrowdTangle, Google Trends, and FAKEBR, with content analysis, network analysis, and descriptive statistics. The results showed that July concentrated the highest proportion of false publications (26%), followed by December (15%). Regarding the format, shared links predominated (41%), followed by images (29%) and videos (29%). Entertainment profiles were the ones that disseminated this type of content the most (57%), followed by political profiles (21%) and personal profiles (17%). Regarding the content, 81% of the publications addressed drug treatments and 9% home treatments. Among the most mentioned treatments, chloroquine (25.3%) and the COVID KIT (20.2%) stood out. The informative discourse was the most frequent (57%), followed by the news format (21%). The publications that generated the most engagement were those focused on adverse reactions (49%) and information for the family (18%). In 89% of the posts, there was no link to COVID-19 deaths. The average engagement was 11,223.41 likes, 1,837.53 comments, and 6,873.11 shares. It is concluded that the spread of Fake News about COVID-19 on Facebook had a strong reach and high engagement, especially in content related to treatments without scientific proof, reinforcing the need for actions to combat health misinformation.

**Keywords:** Social media; COVID-19; Information Dissemination; Disinformation.

**Instituição afiliada** – Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

**Autor correspondente:** *Ana Maria Lima Dourado*

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



## 1 INTRODUÇÃO

A COVID-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, caracterizada por elevada transmissibilidade, potencial gravidade e rápida disseminação global. O vírus foi identificado inicialmente em amostras de lavado broncoalveolar de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019 (Brasil, 2021).

O SARS-CoV-2 pertence ao subgênero *Sarbecovirus*, da família *Coronaviridae*, sendo o sétimo coronavírus conhecido a infectar seres humanos. Os coronavírus constituem uma ampla família viral presente em diferentes espécies animais, como morcegos, camelos, gatos e bovinos, podendo ocasionalmente sofrer mutações que permitem a infecção humana e posterior transmissão entre pessoas, como ocorreu anteriormente com o SARS-CoV e o MERS-CoV (Brasil, 2021).

Desde o início da pandemia, investigações epidemiológicas e estudos de acompanhamento têm identificado diversas consequências de longo prazo entre indivíduos que se recuperaram da infecção. Evidências apontam que até 80% dos pacientes que receberam alta hospitalar apresentam ao menos um sintoma persistente entre dois e seis meses após o início da doença, incluindo fadiga, fraqueza muscular e distúrbios do sono. Essas manifestações podem comprometer diferentes sistemas do organismo, como o cardiopulmonar, neurológico e psiquiátrico (Zeng et al., 2023).

Além disso, muitos pacientes apresentam alterações persistentes em exames de imagem pulmonar e redução da função respiratória, o que pode impactar negativamente a qualidade de vida e dificultar o retorno às atividades laborais (Zeng et al., 2023).

Apesar dos avanços científicos na compreensão do vírus e no desenvolvimento de estratégias de prevenção, diversos países enfrentaram dificuldades na condução de políticas eficazes para o controle da pandemia. Países como Brasil, Índia e Estados Unidos registraram elevados números de casos, internações em unidades de terapia intensiva (UTI) e mortes potencialmente evitáveis, fenômeno atribuído, em parte, à adoção de estratégias controversas, como a defesa da imunidade de rebanho e a promoção de tratamentos sem comprovação científica (Freire et al., 2021).

Ademais, a circulação de teorias da conspiração, notícias sensacionalistas e

informações enganosas contribuiu para a desinformação da população, prejudicando a adesão a medidas preventivas comprovadamente eficazes, como o uso de máscaras, a higienização das mãos, o distanciamento social e a vacinação (Freire *et al.*, 2021).

Nesse contexto, emergiu um fenômeno amplamente discutido durante a pandemia: a chamada infodemia. O termo foi utilizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para descrever o excesso de informações disponíveis, sejam elas corretas ou não, que dificulta a identificação de fontes confiáveis e a tomada de decisões informadas pela população. Durante os primeiros meses da pandemia, observou-se uma explosão de conteúdos relacionados à COVID-19 na internet, com milhões de publicações em diferentes plataformas digitais, incluindo vídeos, artigos e mensagens compartilhadas em redes sociais (Freire *et al.*, 2021).

No Brasil, a disseminação de informações falsas foi intensificada por lacunas na comunicação institucional e pela ampla circulação de conteúdos desinformativos nas mídias sociais. Notícias falsas, teorias conspiratórias e recomendações de tratamentos sem comprovação científica passaram a circular amplamente, contribuindo para o aumento da desinformação e para a confusão da população quanto às medidas adequadas de prevenção e controle da doença. Entre as principais plataformas utilizadas para a disseminação dessas informações destaca-se o Facebook, onde conteúdos enganosos frequentemente alcançam grande alcance e engajamento, incluindo curtidas, comentários e compartilhamentos (Oliveira *et al.*, 2022).

A disseminação de notícias falsas relacionadas à COVID-19 nas redes sociais tem ocorrido de maneira intensa, frequentemente envolvendo conteúdos que negam a gravidade da doença, promovem tratamentos caseiros sem comprovação científica ou divulgam teorias conspiratórias sobre a origem do vírus e as estratégias de enfrentamento da pandemia (Garci *et al.*, 2020). Esse cenário evidencia a necessidade de compreender os mecanismos de circulação dessas informações e os fatores que contribuem para o seu elevado engajamento entre os usuários das plataformas digitais.

Diante desse contexto, compreender como as informações falsas circulam nas redes sociais e por que frequentemente alcançam maior engajamento do que conteúdos baseados em evidências torna-se fundamental para o enfrentamento da desinformação em saúde. Assim, este estudo teve como objetivo analisar as publicações do Facebook sobre a Pandemia de COVID-19 no ano de 2020.

## 2 METODOLOGIA

Realizou-se um estudo epidemiológico, documental e observacional. Estudos epidemiológicos têm como objetivo analisar a distribuição, os determinantes e as consequências de doenças e condições de saúde em populações humanas, contribuindo para a compreensão dos fenômenos de saúde e para a formulação de estratégias de prevenção e controle (Almeida *et al.*, 2019).

A pesquisa documental baseia-se na análise e interpretação de documentos, registros e materiais previamente produzidos, sendo amplamente utilizada em diferentes áreas do conhecimento para investigação de fenômenos sociais e comunicacionais (Graziotin *et al.*, 2022). Já os estudos observacionais caracterizam-se pela observação sistemática de indivíduos, grupos ou populações em seu ambiente natural, sem interferência direta do pesquisador, permitindo identificar comportamentos, eventos e relações entre variáveis (Escobar *et al.*, 2021).

O cenário do estudo foi a rede social *Facebook*, uma plataforma digital que permite a criação de perfis pessoais, interação entre usuários e compartilhamento de conteúdos diversos, como textos, imagens, vídeos e links. Embora desempenhe papel importante na disseminação de informações e notícias, a plataforma também tem sido associada à circulação de desinformação e à propagação de conteúdos falsos, o que a torna relevante para investigações relacionadas à comunicação em saúde (Santana *et al.*, 2023).

A amostra foi composta por 100 postagens públicas realizadas no *Facebook* durante o período de coleta de dados, selecionadas por meio de amostragem não probabilística por conveniência. Foram incluídas publicações relacionadas a tratamento, prevenção e contágio da COVID-19.

A coleta de dados ocorreu em diferentes etapas. Inicialmente, foi elaborado um conjunto de palavras-chave relacionadas à disseminação de *Fake News* sobre a COVID-19. Em seguida, utilizou-se a ferramenta *CrowdTangle* para consultar postagens contendo os termos previamente definidos. O *CrowdTangle* é uma plataforma que permite acessar dados públicos de páginas, grupos e perfis abertos do *Facebook*, possibilitando identificar tendências, conteúdos amplamente compartilhados e níveis

de engajamento em publicações.

A partir de uma análise exploratória na plataforma, foram selecionados os links da imprensa mais compartilhados relacionados aos eventos investigados. Posteriormente, realizou-se análise de conteúdo das publicações por dois analistas independentes, com o objetivo de identificar manchetes e mensagens que pudessem reforçar narrativas desinformativas. Dentre essas, foram selecionadas as publicações com maior nível de compartilhamento em grupos públicos do *Facebook* para análise detalhada das mensagens disseminadas.

Para a abordagem de métodos mistos, foram utilizados dois estágios distintos de coleta de dados. No primeiro, foram identificados possíveis eventos associados a rumores relacionados ao tratamento, contágio e transmissão da COVID-19 por meio da ferramenta Google Trends. Essa plataforma utiliza a métrica denominada “Volume Relativo de Pesquisa” (RSV), permitindo rastrear variações no volume de buscas relacionadas a determinados termos ou tópicos, o que auxilia na identificação de tendências e possíveis rumores públicos.

Na segunda etapa, foi realizado o monitoramento de mídias sociais e veículos de comunicação com o objetivo de identificar publicações ou notícias que pudessem ter contribuído para a disseminação de desinformação. O *CrowdTangle* possibilitou realizar consultas utilizando palavras-chave, idioma, relevância local e período de tempo, além de permitir a utilização de operadores booleanos nas buscas.

Os dados coletados incluíram postagens provenientes de páginas públicas influentes, com mais de 25.000 seguidores ou curtidas. Embora a ferramenta não permita rastrear publicações realizadas em perfis pessoais nem contabilizar visualizações ou impressões, ela possibilita identificar engajamentos públicos, fornecendo uma visão geral da circulação e popularidade de determinados conteúdos.

Além disso, foi utilizada a plataforma FAKEBR, desenvolvida pela Universidade de São Paulo (USP), em São Carlos (SP), destinada à identificação de *Fake News*. O sistema utiliza um classificador baseado em informações estatísticas e treinado com um banco de dados da USP, apresentando precisão aproximada de 96% na detecção da veracidade das informações.

Como parâmetro de análise, considerou-se o nível de engajamento das postagens, calculado a partir da soma de curtidas e comentários registrados no

Facebook, métricas fornecidas pela própria plataforma. A partir das publicações com maior engajamento, foram identificados os principais atores envolvidos na disseminação das mensagens mais populares.

Por fim, os dados foram analisados por meio de Análise de Conteúdo e Análise de Redes, complementadas por análises estatísticas. Para a construção do corpus da pesquisa, foram selecionados três eventos principais relacionados à pandemia de COVID-19 no Brasil: a origem do vírus, marcada pela circulação de teorias da conspiração sobre sua criação em laboratório ou disseminação intencional; a divulgação de supostos tratamentos milagrosos, incluindo medicamentos e terapias sem comprovação científica, como hidroxicloroquina e ivermectina; e, por fim, as medidas de prevenção, sobre as quais circularam informações falsas acerca da ineficácia do uso de máscaras, do distanciamento social e da higienização das mãos.

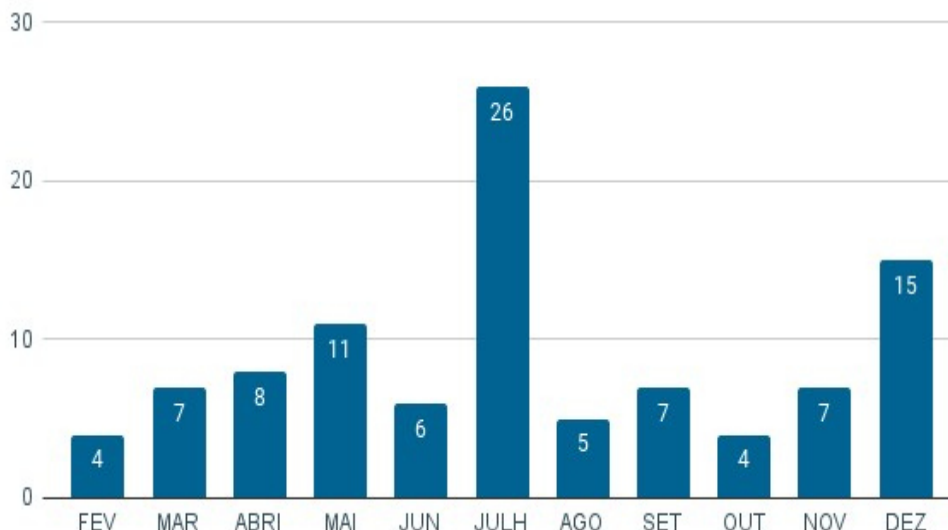
### 3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Neste estudo, foi investigado a disseminação de notícias falsas (*Fake News*) relacionadas a pandemia do COVID-19 no Facebook durante o ano de 2020.

Foram selecionadas 100 publicações que foram agrupadas nas seguintes categorias: Mês; Formato; Perfil; Nome da página; Tratamento: tipo; Tratamento: droga; Discurso; Atração; Vínculo a morte; Curtidas; Comentários; Compartilhamentos. Foi também analisado os comentários mais relevantes de cada publicação selecionada para compreender qual a percepção do usuário ao interagir com a publicação.

No Gráfico 1 nota-se que no ano de 2020 o mês de Julho (N=26%) recuperouse mais publicações falsas no Facebook, seguido do mês de Dezembro (N= 15%).

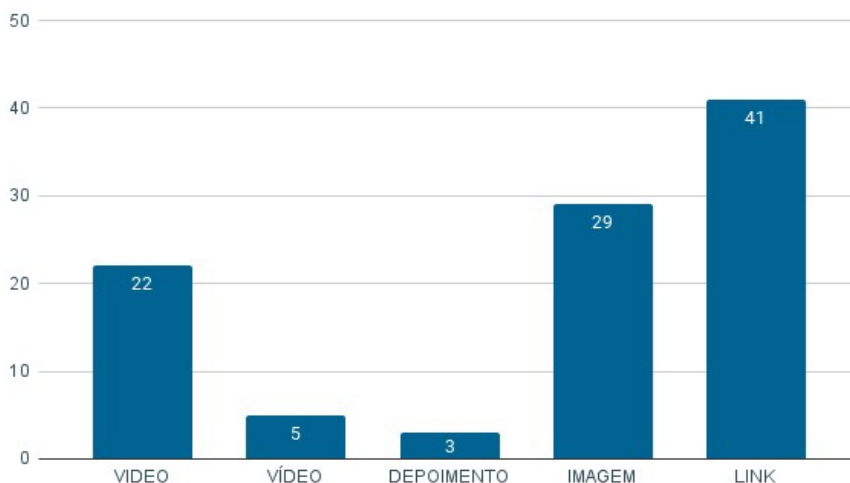
**Gráfico 1** - Distribuição das *Fake News* quanto a distribuição temporal por meses do ano de 2020.



**Fonte:** Elaboração própria, 2026.

No Gráfico 2 observa-se que o formato da predominância das publicações foram Links compartilhados (N=41%), seguidos por imagens (N=29%) e Vídeos (N=29%).

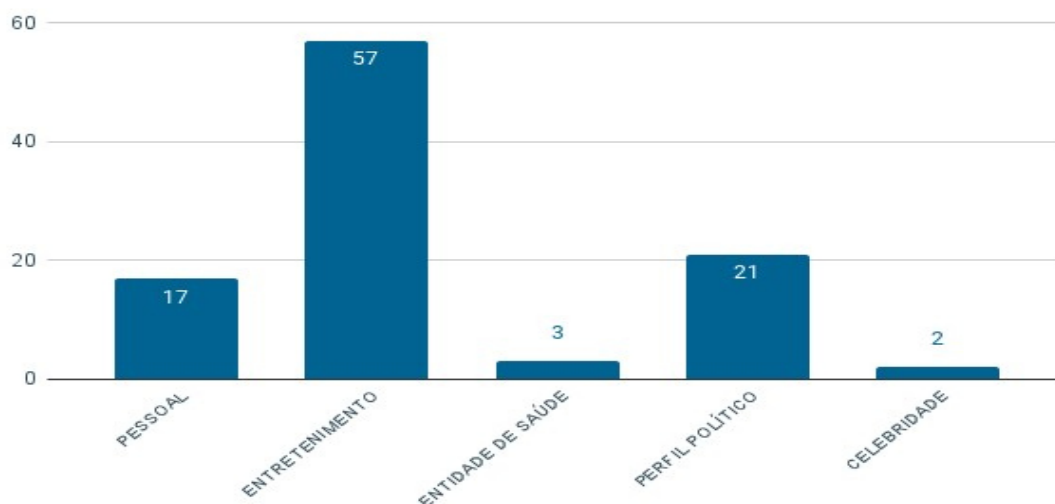
**Gráfico 2** - Distribuição das *Fake News* quanto ao formato das publicações.



**Fonte:** Elaboração própria, 2026.

No Gráfico 3 apresenta-se os perfis que compartilharam *Fake News*. Os perfis com maior número de publicações foram perfis de Entretenimento (N=57%), seguido por perfis Políticos (N=21%) e perfis pessoais (17%).

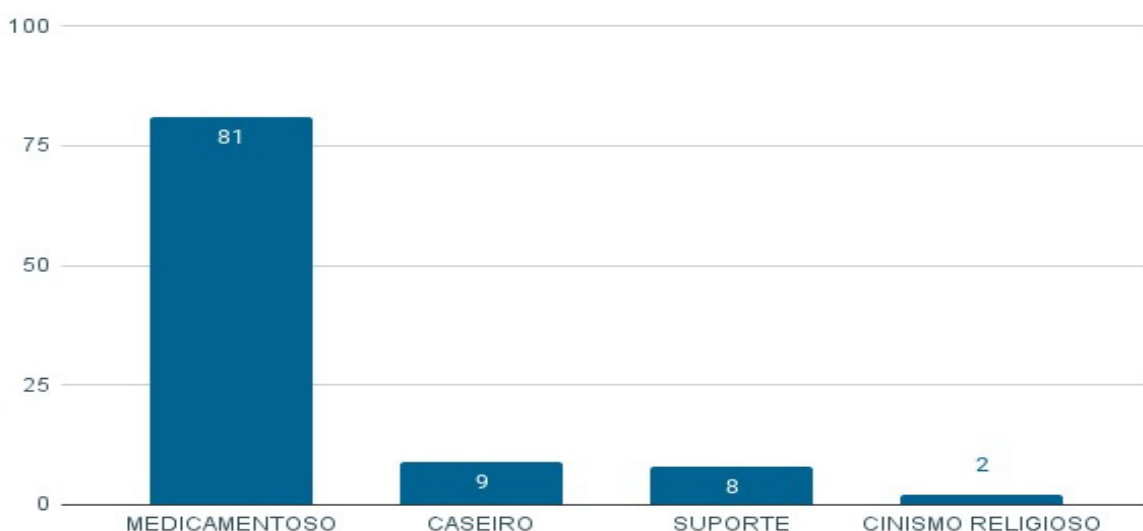
**Gráfico 3** – Distribuição das *Fake News* quanto ao perfil de compartilhamento



**Fonte:** Elaboração própria, 2026.

O Gráfico 4 apresenta o tratamento para a COVID-19 que gerou mais engajamento no ano de 2020. Nota-se que os tratamentos medicamentosos (N=81%), seguido por tipo de tratamento caseiro (N=9%) os mais citados, sendo a Cloroquina (N=25,3%) e o KIT COVID (N=20,2%) os mais citados.

**Gráfico 4** – Distribuição das *Fake News* quanto ao tratamento presente nas publicações

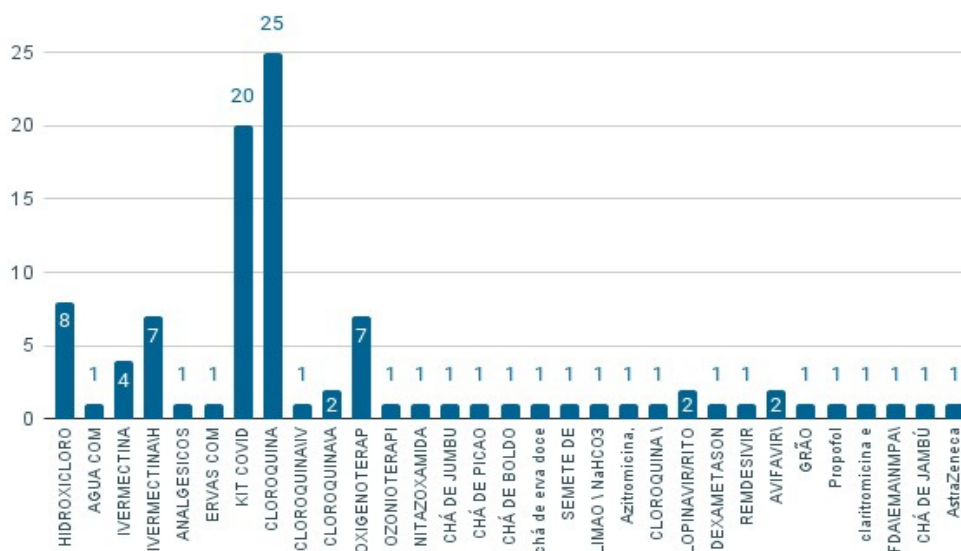


**Fonte:** Elaboração própria, 2026.

Gráfico 5, apresenta os tipos de tratamento medicamentoso ou não

medicamentoso para a cura da COVID-19 que mais gerou engajamento no ano de 2020, nota-se que o tipo de medicamento Cloroquina (N=25,3%) foi mais engajado, seguido pelo tipo de tratamento medicamentoso denominado KIT COVID (N=20,2%).

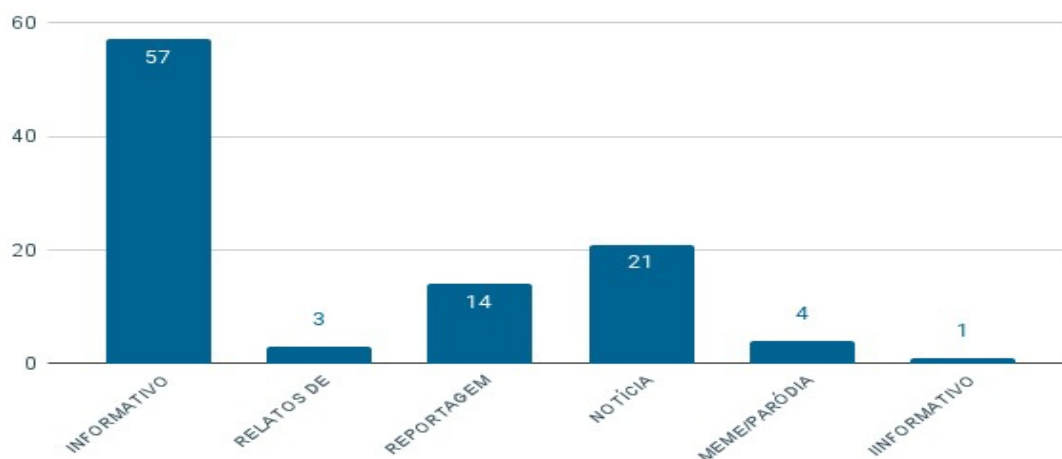
**Gráfico 5 – Distribuição das Fake News quanto ao tipo de tratamento presente nas publicações**



Fonte: Elaboração própria, 2026.

O Gráfico 6 apresenta os tipos de discurso de cada publicação selecionadas, sendo assim o tipo de discurso que mais houve engajamento foi o tipo Informativo (N= 57%), seguido pelo tipo Notícia (N=21%).

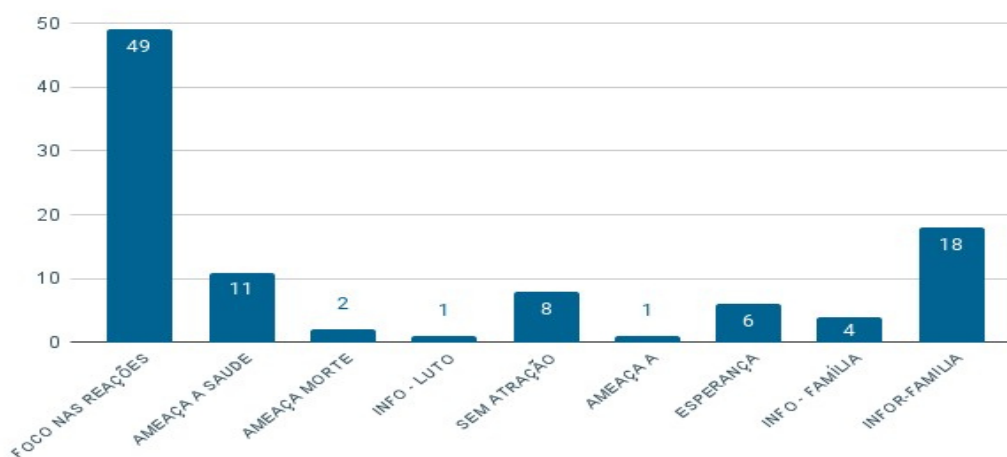
**Gráfico 6 – Distribuição das Fake News quanto ao tipo de discurso presente nas publicações**



**Fonte:** Elaboração própria, 2026.

O Gráfico 7 apresenta os tipos de interação das publicações. Houve mais engajamento por parte da população foram publicações que remetia a Foco nas reações adversas (N=49%), seguida das publicações que remetia a Informações para a família (N=18%).

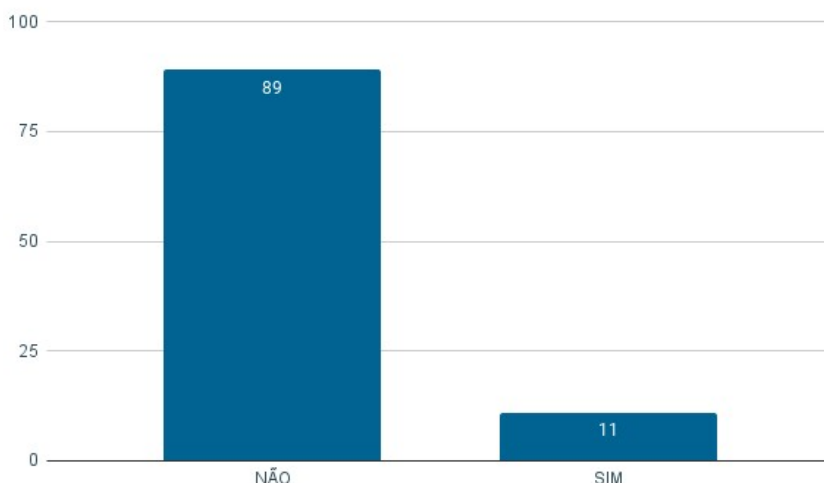
**Gráfico 7 –** Distribuição das *Fake News* quanto ao tratamento presente nas publicações



**Fonte:** Elaboração própria, 2026.

Quanto ao vínculo de mortes pela COVID-19, não houve vinculação de morte em 89% das publicações, conforme imagem 8 abaixo.

**Gráfico 8** - Distribuição das *Fake News* quanto ao vínculo de morte.



**Fonte:** Elaboração própria, 2026.

O quadro 1 abaixo apresenta a média de curtidas, comentários e compartilhamentos das publicações selecionadas.

**Quadro 1** – Distribuição da média de engajamento das publicações estudadas

CURTIDAS	COMENTÁRIOS	COMPARTILHAMENTOS
Média: 11.223,41	Média: 1.837,53	Média: 6.873,11

**Fonte:** Elaboração própria, 2026.

A disseminação de notícias falsas relacionadas à pandemia da COVID-19 no ano de 2020 foi um problema grave que dificulta a resposta à crise de saúde pública. Muitas informações falsas e teorias da conspiração espalharam-se rapidamente pela mídia social Facebook, mitigando a desconfiança nos indivíduos quanto as orientações de especialistas nas medidas de controle da COVID-19. Isto ocorreu num contexto de comportamento de risco e hesitação em relação às formas de tratamento, o que agravou a propagação do vírus e o aumento das taxas de infecção.

Além disso, para Barcelos *et al.* (2023), o conteúdo das notícias falsas manipula valores pessoais, ou seja, aquilo que as pessoas acreditam ser adequado aos seus interesses políticos, sociais e até religiosos, independentemente do nível de

escolaridade. Em situações de medo e incerteza, como uma pandemia, as pessoas tendem a acreditar em fatores que proporcionam conforto, mesmo quando não há evidências científicas; notícias falsas sobre alimentos milagrosos para tratar ou prevenir a COVID-19 são um exemplo.

Em Julho de 2020 houve maior número de postagens falsas devido ao presidente do Estados Unidos e o presidente do Brasil terem fomentando a automedicação da cloroquina e hidroxicloroquina. Essas postagens geraram atribuições no Facebook, já que a promoção de tratamentos não comprovados pode ter implicações para a saúde pública.

No gráfico 1 ocorreu um aumento repentino das publicações de notícias falsas no mês de Dezembro, isso ocorreu devido a primeira administração de uma vacina contra a COVID-19 marcou um momento histórico na luta contra a pandemia. Em dezembro de 2020, a vacina desenvolvida pela Pfizer-BioNTech foi aprovada e começou a ser administrada em vários países, representando um raio de esperança em meio a um período desafiador.

O compartilhamento de links de notícias falsas tornou-se um problema ainda mais sério durante a pandemia. A divulgação de informações imprecisas ou deliberadamente enganosas sobre a COVID-19 e as medidas de saúde pública teve consequências graves, afetando a saúde e a segurança das pessoas.

Para Dari *et al.* (2020), em uma análise de 2.787.247 postagens, o compartilhamento de links foi o mais comum. Dessa forma, quando os usuários se reúnem com esses links, eles inadvertidamente se posicionam para a propagação da desinformação, minando a confiabilidade das fontes de notícias legítimas e prejudicando a capacidade da sociedade de tomar decisões informadas.

Em um estudo realizado por Galhardi *et al.* (2022), corrobora que a maioria das *fake news* envolviam temáticas do medicamento cloroquina e da hidroxicloroquina no tratamento da COVID-19. Foi um assunto controverso e objeto de intenso debate nas comunidades médica e científica.

Para Matos *et al.* (2020), a primeira e de maior destaque se deve à elevada proporção de notícias envolvendo tratamento caseiro (37%), como chás de ervas. Santos *et al.*, (2023) ressalva que os problemas com a divulgação de notícias sobre o tratamento da COVID-19 também prejudicam a credibilidade de informações confiáveis repassadas

pelos profissionais de saúde na Atenção Primária à Saúde, já que cerca de, 82,1% dos profissionais de saúde atenderam pacientes que acreditaram em notícias falsas sobre tratamento da COVID-19.

Para Naeem *et al.* (2020), no estudo que investigou 1.225 notícias falsas, foram identificados três principais tipos de desinformação relacionados à COVID-19. Estes incluíram uma exposição de alegações falsas, uma promoção de teorias da conspiração e uma divulgação de remédios pseudocientíficos como sugestões de tratamentos para a saúde, com um foco especial em métodos não comprovados de tratamento para a COVID-19.

A divulgação de publicações falsas sobre a COVID-19 através de boletins informativos representa uma grave ameaça à saúde pública e à divulgação de informações fiáveis durante a pandemia. A difusão de desinformação e teorias da conspiração através de informativos pode causar pânico, desconfiança nas autoridades de saúde e até levar as pessoas a adotarem práticas perigosas ou ineficazes. Para Garcia (2022), o Facebook é a fonte que mais preocupa os usuários das mídias sociais, respetivamente 37,9%, visto que aqueles que usam as redes sociais estão mais propensos a consumir desinformação acerca da Covid-19.

Os pacientes infectados pelo coronavírus SARS-CoV-2 podem apresentar desde sintomas leves, como febre, tosse seca e fadiga, até manifestações mais graves, incluindo dificuldade respiratória aguda, pneumonia e, em casos extremos, síndrome respiratória aguda grave e falência de múltiplos órgãos. Além disso, a COVID-19 tem sido associada a uma série de complicações sistêmicas, como coagulação sanguínea anormal, problemas cardíacos, renais e neurológicos. Dessa forma, o estudo realizado por Galhardi *et al.* (2022), aponta que 71,4% das publicações falsas sobre a COVID-19 associam-se os sintomas que a patologia pode causar nos indivíduos e medidas de proteção.

Para Fernandes *et al.* (2021), foi possível observar que o número de curtidas e comentários demonstram uma maior participação dos usuários em conteúdos voltados para o humor. As informações compartilhadas entre os indivíduos também ganham força nesse período, principalmente por se tratar de um momento de incertezas a respeito dos sintomas e transmissão do vírus e sobre tratamentos medicamentosos, fatores que ficam evidentes nos comentários de relato de pessoas que enfrentaram a

doença ou de conhecidos.

As informações falsas disseminadas nas redes digitais e sociais são especialmente preocupantes para a saúde pública, visto que podem prejudicar a eficácia de programas, campanhas e iniciativas que visam à saúde e ao bem-estar dos cidadãos. A categoria de notícias falsas mais comum neste estudo foi a política de tratamento e prevenção da COVID-19. Para Barcelos *et al.* (2021), as *fakes news* são um tema de grande relevância no cenário político e social brasileiro. Essa expressão traz uma contradição: a palavra “falso” como adjetivo muda a natureza do substantivo notícia, pois, em princípio, as pessoas esperam que as notícias transmitam apenas informações verdadeiras.

#### **4 CONCLUSÃO**

Portanto, nesse estudo verificou-se que a disseminação de *Fake News* sobre a COVID-19 no ano de 2020 na rede social Facebook, impactou significativamente na assistência de saúde, pois levou a confusão, desinformação, falta de confiança nos profissionais de saúde, dificultando os profissionais em fornecer orientação precisas, e até mesmo comportamentos perigosos por parte dos pacientes. Com isso, as *Fake News* afetaram diretamente a assistência de enfermagem ao promover informações falsas sobre tratamentos e medidas de prevenção, afetando negativamente a saúde mental dos pacientes e sobrecarregar o sistema de saúde.

O estudo também mostrou aumento no número de publicações relacionadas a notícias falsas quanto ao coronavírus. Quanto às suas características, foram observados seus sinais de alerta identificadores, tais como: materiais e imagens chamativas, estatísticas chocantes, promessas de curas e curas milagrosas e erros ortográficos.

Além disso, notícias falsas são amplamente divulgadas pela rede social Facebook, circulando periodicamente e atribuindo autoria a órgãos ou profissionais de saúde na tentativa de confirmar a autenticidade do que está sendo dito. Ressaltou-se que a difusão de notícias falsas pode causar danos diretos ou indiretos, interferindo e promovendo transtornos à saúde física e mental. Portanto, há necessidade de conscientizar e prevenir danos associados à produção e/ou disseminação de notícias falsas.

Com isso, para combater efetivamente o impacto da infodemia da COVID-19 na rede social Facebook estão banindo contas usuários que compartilham notícias falsas a respeito da COVID-19, assim como orientando o usuário a realizar pesquisas sobre o assunto compartilhado.

## 5 REFERÊNCIAS

ABD-ALRAZAQ, Alaa *et al.* Top concerns of tweeters during the COVID-19 pandemic: inforveillance study. **Journal of Medical Internet Research**, v. 22, n. 4, p. e19016, 21 abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.2196/19016>.

ALMEIDA FILHO, Naomar *et al.* Epidemiologia & saúde. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2019.

BARCELOS, Thainá do Nascimento *et al.* Análise de Fake News veiculadas durante a pandemia de COVID-19 no Brasil. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 45, p. 1-9, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.26633/rpsp.2021.65>.

BELCHIOR. Álbum *Alucinação*. Philips Phonogram, 1976.

ESCOBAR, Ana Lúcia *et al.* Letalidade e características dos óbitos por COVID-19 em Rondônia: estudo observacional. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 30, n. 1, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1679-49742021000100019>.

FERNANDES, Sheyla *et al.* Analysis of the beliefs manifested by individuals on Facebook in face of COVID-19. **New Trends in Qualitative Research**, v. 8, p. 78-87, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.36367/ntqr.8.2021.7887>.

FREIRE, Neyson Pinheiro *et al.* A infodemia transcende a pandemia. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 9, p. 4065-4068, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021269.12822021>.

GALHARDI, Cláudia Pereira *et al.* Fake News e hesitação vacinal no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, n. 5, p. 1849-1858, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/141381232022275.24092021>.

GARCIA, Leila Posenato; DUARTE, Elisete. Infodemia: excesso de quantidade em detrimento da qualidade das informações sobre a COVID-19. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 29, n. 4, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-49742020000400019>.

GARCIA, Mara Cunha. A pandemia da (des)informação: o fact-checking no combate à desinformação sobre a Covid-19. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova Lisboa, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/153492>.



GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi *et al.* Pesquisa documental histórica e pesquisa bibliográfica: focos de estudo e percursos metodológicos. **Pro-Posições**, v. 33, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2020-0141>.

MATOS, Rafael Christian. Fake News frente à pandemia de COVID-19. **Vigilância Sanitária em Debate**, v. 8, n. 3, p. 78-85, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22239/2317-269X.01596>.

NAEEM, Salman Bin; BHATTI, Aqsa. An exploration of how Fake News is taking over social media and putting public health at risk. **Health Information & Libraries Journal**, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/hir.12320>.

OLIVEIRA, Daniel Canavese; GERHARDT, Tatiana Engel. O primeiro curso aberto, online e massivo (MOOC) sobre Covid-19 e iniquidades no Brasil: potências da saúde coletiva no enfrentamento da infodemia e das Fake News. **Saúde em Debate**, v. 46, n. spe1, p. 105-118, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-11042022E107>.

SANTANA, Brenda S. *et al.* Processamento de Linguagem Natural. In: **Brasileiras em Processamento de Linguagem Natural (BPLN)**. 2023. p. 453-464.

SANTOS, Renato Penha de Oliveira *et al.* Condições de trabalho na atenção primária à saúde na pandemia de COVID-19: um panorama sobre Brasil e Portugal. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 28, n. 10, p. 2979-2992, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320232810.10002023>.

ZENG, N. *et al.* Uma revisão sistemática e meta-análise de sequelas físicas e mentais de longo prazo da pandemia de COVID-19: apelo à prioridade de pesquisa e ação. **Molecular Psychiatry**, v. 28, p. 423-433, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41380-02201614-7>.